



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTs
1º ENCONTRO DE GTs DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

Narrativas da (in)felicidade: Medicalização da vida e espírito empresarial na sociedade contemporânea¹

**Marianna Ferreira Jorge²
Universidade Federal Fluminense**

Resumo

O objetivo deste trabalho é o de compreender, através de uma análise genealógica, algumas transformações que vêm gestando, nas últimas décadas, um conjunto de novos valores morais, sobretudo no que concerne à produção de subjetividade. O que se pretende analisar é o atual fenômeno de “medicalização da vida”, em que condutas e estados mentais antes considerados normais passam a ser encarados como patológicos ou insuficientes, sendo administrados através de medicamentos. Num contexto em que os sujeitos são instados a se construírem como empreendedores que exploram a si mesmos em sua condição de fontes de rendimento, sendo concebidos e gerenciados como “capital humano”, parte-se da hipótese de que houve um deslocamento na noção de saúde, sendo agora associada à felicidade, ao bem-estar e à otimização da vida, em busca da alta performance requerida em todos os campos. Para isso, serão analisados relatos autobiográficos de pessoas que se valem de recursos medicamentosos nos dias atuais.

Palavras-chave: subjetividade contemporânea; espírito empresarial; medicalização.

Este artigo pretende analisar um conjunto de discursos autobiográficos de sujeitos que fazem uso de medicamentos administrados por receitas médicas, no intuito de compreender algumas práticas e sentidos próprios dos dias atuais. Nos depoimentos em questão, aparecem testemunhos de pessoas que alegam sofrer de variados distúrbios, tais como depressão, síndrome do pânico, fobias e crise de ansiedade generalizada, resultantes, muitas vezes, dos pesares causados pela incapacidade (e desejo) de atender às expectativas sociais, pautadas pelos imperativos de alta performance em todos âmbitos da vida, ou pela própria falta de autoestima. Esses infortúnios, por sua vez, limitaram suas formas de agir no mundo e os privaram das principais demandas da vida contemporânea: exercer o direito de felicidade, desfrutar de todo o prazer que cada um merece (e que deveria gozar) e ser bem sucedido. Diante disso, essas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Consumo: cultura empreendedora e espaço biográfico, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF), sob orientação da profa. Paula Sibilia (UFF) e coorientação do prof. Paula Vaz (UFRJ). Bolsista Capes. Email: mariannaferreirajorge@gmail.com



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

personalidades revelam ter recorrido a uma miríade de substâncias biotecnológicas – oferecidas pelo mercado e, sobretudo, pelas indústrias farmacêuticas – em busca de solucionar os conflitos “demasiadamente humanos”, de estender os limites do corpo e de ter um bem viver.

Essas narrativas autobiográficas, portanto, nos oferecem importantes pistas para pensarmos o que estamos nos tornando, uma vez que elas configuram um novo modo de produção de subjetividade, fruto de um processo histórico que vem se gestando nas últimas décadas. Segundo a pesquisadora Paula Sibilia (2015), retomando as ideias do coreano Byung-Chul Han, na sociedade contemporânea parece ter saído de cena o lema “você deve” que imperava, sobretudo entre os séculos XIX e meados do XX, pautado pelos preceitos da ética protestante e do poder disciplinar, dando lugar ao sedutor imperativo “você pode”, balizado pelo espírito empresarial e orquestrado exaustivamente pelos meios de comunicação e pelas peças publicitárias, centrado nos prazeres instantâneos oferecidos pelo consumo e pelas promessas da tecnociência, que nunca cessam de anunciar as possibilidades de aperfeiçoamento de todo e qualquer incômodo, prometendo tudo resolver e proporcionar.

Fora das pretensões modernas de alcance e manutenção da normalidade, as demandas atuais são ainda mais auspiciosas, instaurando pressões inéditas nos sujeitos contemporâneos: “estar mais do que bem”, se otimizar, se aperfeiçoar e, por que não, ser pós-orgânico e ultrapassar todos os limites do corpo? Afinal, se tudo pode, por que não tudo querer *ser*? Ou, com uma precisão ainda mais contemporânea, por que não tudo querer (e dever) *estar*? Assim, abundam as alusões ao “culto à performance” (Ehrenberg, 2010), com a decorrente vergonha pela responsabilidade que implica não atingir os parâmetros usualmente demandados e pretendidos, além da estigmatização ou “exclusão” daqueles que não conseguem alcançá-los, derivando, muitas vezes, numa patologização dos esforços malsucedidos. Em ambos os casos, sugere-se uma possível resolução desses conflitos: o recurso à medicalização.

Com o declínio do plano transcendente no que concerne às explicações sobre a vida e sobre o mundo, o discurso científico ganhou uma legitimidade até há pouco inédita, sendo portador de uma verdade bem menos aberta à discussão, como ocorre com os demais preceitos ora em crise. Isso facilitou bastante a sua propagação como fonte de referência, fazendo prevalecer cada vez mais a crença nessas novas verdades produzidas pelas ciências da vida



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

(entre elas, as neurociências), com apoio da mídia na intensa divulgação e autenticação desses novos valores. Esses discursos, por sua vez, invadem o cotidiano dos sujeitos contemporâneos, fomentando e difundindo certas promessas no sentido de que a medicina tudo pode explicar e resolver, penetrando no imaginário social e, conseqüentemente, nas narrativas de cada um acerca de si mesmo e dos outros.

Além disso, propaga-se nos dias atuais a ideia de que cabe a cada indivíduo o papel não apenas de administrar as doenças, como também de gerenciar, através de um controle contínuo, qualquer espécie de risco à sua saúde, reduzindo as patologias e buscando otimizar de forma constante e ilimitada seus próprios recursos corporais (Bezerra, 2002). Nesse contexto se impõe o conceito de fator de risco, que, diferentemente do que ocorria na sociedade moderna, faz da normalidade algo cada vez mais difícil de ser alcançado, chegando a ser até mesmo inatingível, uma vez que todo sujeito passa a se definir como doente em potencial.

Para compreendermos melhor os sentidos dessas transformações, primeiramente lançaremos mão de uma breve genealogia acerca de alguns deslocamentos políticos, sociais, culturais e econômicos, ocorridos entre os séculos XIX e os dias atuais, que insuflam uma nova moralidade. A finalidade é desnaturalizar alguns valores contemporâneos, levantando pistas acerca das conexões entre os novos modos de ser e estar no mundo, os atuais imperativos de felicidade e o fenômeno de “medicalização da vida”.

Da opressão disciplinar à alegria obrigatória

Entre os séculos XIX e meados do XX, na sociedade ocidental, moderna, industrial fortemente ancorada pela ética protestante e pela moral burguesa, era no âmago oculto onde se encontrava o núcleo e a autenticidade de cada indivíduo, isto é, a sua essência peculiar e única, que constituía o caráter e o seu “eu verdadeiro”, hospedando uma identidade considerada fixa e estável. Era, portanto, no cultivo da “vida interior” que o *eu* se definia minuciosamente, em torno de um eixo localizado em suas profundezas, sobretudo através das práticas de introspecção, estimuladas pelo silêncio e pela solidão instaurados pelas invenções próprias daquela época: as rígidas paredes do lar da família nuclear e a privacidade do quarto próprio, bem como a devoção cotidiana aos aparatos tecnológicos de leitura e escrita, como os livros de



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

romance, as cartas e os diários íntimos. Nesse cenário ocorria a intimidade e os privados relatos autobiográficos, fundamentais para se tornar alguém e para produzir a si naqueles tempos.

As subjetividades eram marcadas pela capacidade de interiorizar as regras sociais, identificando-se com elas, e de lidar com os conflitos interiores, através de sanções internas mobilizadas por uma consciência moral. A orientação das condutas individuais, por sua vez, ficava a cargo das instituições, sobretudo a família, a nação e a Igreja, por meio de dispositivos de vigilância, como as técnicas de confissão, o exame e a observação.

Conforme argumenta o pesquisador Paulo Vaz (2011), esses indivíduos, dotados de uma interioridade psicológica, identificavam-se com os códigos culturais em voga, acreditavam que eles faziam parte de seus próprios princípios – isto é, de suas verdades e essências interiores – e angustiavam-se com os seus desejos desviantes. Com isso, sentiam-se culpados por não ser o que deveriam e temiam a anormalidade. Difundia-se, desse modo, a consciência de que “sofro por minha culpa” e se agisse adequadamente seria aliviado de tal sofrimento e gratificado no futuro. Com medo de serem anormais – sobretudo, loucos, perversos sexuais e criminosos (Foucault, 2002) – e de serem punidos devido àquilo que desejavam, os sujeitos buscavam a obediência às regras morais e o controle de suas condutas. Em contrapartida, tinham a esperança de que seriam recompensados pelas instâncias transcendentais, por meio do alcance da tão almejada (e protelada) felicidade, conquistada com a passagem para a terra prometida.

A cultura ocidental moderna, portanto, era caracterizada também como a “cultura da culpa”, visto que o sofrimento era interpretado como um castigo, devido a alguma imoralidade cometida pelo indivíduo. Tal argumento também servia para justificar os sofrimentos que resultavam nas doenças mentais e orgânicas. A manutenção dessas crenças ocorria graças a impossibilidade de cumprimento total das leis morais de outrora, visto que era inviável ter um domínio completo sobre os impulsos do corpo e, assim, evitar todos os sofrimentos possíveis.

O que é importante salientar, neste caso, é que quando o sujeito age segundo a culpa, não importa o que os outros pensam, mas sim o juízo que cada um faz de si mesmo, dado que a culpa é internalizada e não necessariamente passa pelo conhecimento do outro. Tal juízo moral, contudo, em vez de libertário e autônomo, não deixa de ser opressor e pautado pelos valores



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

coletivos, visto que, embora a verdade esteja no interior de cada um, aquilo que o indivíduo pensa sobre si depende do que a cultura impõe como bom e correto.

As revoltas libertárias ocorridas nas décadas de 1960 e 70 foram fundamentais para que ocorresse um rearranjo na moralidade e nos mecanismos de poder, ora em crise. Durante este período, jovens e operários, em sua maioria, se mobilizaram para protestar contra um “sistema” opressor e autoritário, que visava a homogeneização e a padronização de comportamentos e desejos. Com o declínio dos vetores que impulsionaram o capitalismo industrial ao longo dos séculos XIX e XX – como a ética protestante, a moral burguesa e o poder disciplinar, bem como das figuras verticais de autoridade –, houve um afrouxamento da moralidade até então em voga e um espraiamento dos códigos de conduta. Estes, por sua vez, deixaram de ser absolutos e de se ancorar numa verdade pouco contestável para se enredar num complexo emaranhado de valores heterogêneos e conflitantes. A vida, neste novo regime de poder, “torna-se, em todas as suas dimensões, matéria de reflexão e decisão pessoais”, como aponta Benilton Bezerra Jr (2010, p. 118), não sendo mais conduzida por roteiros pré-determinados e por técnicas repressivas, verticalizadas e normatizadoras de adestramento corporal.

Com a ascensão do “neoliberalismo” e do espírito empresarial em todos os âmbitos, cada sujeito se tornou um capital. E, nesse sentido, passou a ter como princípio a mesma dinâmica mercadológica deste: o cálculo e, conseqüentemente, a necessidade de investimento em si para manter valorizado, com alta cotação, com boas condições de funcionamento e com duração prolongada, além de apto à volatilidade das demandas sociais e mercadológicas. Cada um, portanto, há de ter uma engenhosa capacidade administrativa para investir rentavelmente em si mesmo, de modo a evitar, até as últimas conseqüências, a sua própria descapitalização. Para tanto, cada um necessita “travar uma batalha diária pela sobrevivência, uma batalha que é nua e crua”, como assinala Joel Birman (2010, p. 37).

Nesse processo histórico, o bem comum sai de cena como objetivo social e individual e, em seu lugar, a busca incessante pela felicidade torna-se um direito de todos, que agora podem (e devem) ser perfeitos consumidores, performáticos, autênticos e não mais se restringirem aos prazeres do corpo. “Ao invés de lutar contra o que deseja, [o sujeito] deve, sim, desqualificar os presumidos juizes como preconceituosos e fazer o que deseja”, ressalta Paulo Vaz (2014, p. 34).



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

Para Taylor (2010), na nova moralidade, o pecado que não é tolerado é a própria intolerância. Assim, cada qual deve respeitar os valores dos outros, não os criticar e permitir que cada um viva a sua própria vida da maneira que melhor lhe convier, no intuito de conquistar o que realmente parece importar atualmente: a autorrealização, a autoestima, a felicidade, o prazer individual e a alta performance em todos os campos da existência.

Esses deslocamentos, no entanto, provocaram novas amarras, gerando um paradoxo: ao mesmo tempo que o olhar do outro deixa de importar, tudo o que passa a importar é o olhar do outro, pois é ele quem legitima a existência de cada um nos dias atuais e, de certo modo, conduz as suas ações. Portanto, o *outro* da cultura atual é aquele a quem se quer conquistar o reconhecimento, a visibilidade e a admiração. Por outro lado, é também aquele que tem preconceito e que limita os desejos e a felicidade individual. Isso ocorre não através da internalização da culpa – que vem perdendo a sua eficácia moralizadora –, mas, sobretudo, por meio de uma outra emoção atrelada ao universo moral: a vergonha.

Esta tem se tornado cada vez mais eficiente para modelar as ações e as subjetividades atuais, visto que a instância de avaliação teria se deslocado do interior do sujeito para o olhar do outro, aquele que agora é o detentor da verdade sobre quem é cada um e qual o seu valor. Trata-se de um problema público, associado a aspectos narcísicos, desencadeados pelo julgamento do outro acerca de si mesmo, relacionado àquilo que cada um mostra no plano visível. Isso porque, numa sociedade marcada tão fortemente pelo mercado, pelo consumo e por uma crescente participação dos meios de comunicação de massa audiovisuais – como o cinema e a televisão – na vida de cada um, somando-se aos novos meios interativos, outros modos de autoconstrução e de sociabilidade vêm sendo convocados e estimulados, propiciando uma transformação nas subjetividades que vem se gestando nas últimas décadas. Conforme sugeriu o sociólogo estadunidense David Riesman em 1950, em seu livro *A multidão solitária*, o eixo em torno do qual se edifica o que se é tem se deslocado de “dentro de si”, ou seja, do *caráter* “introduzido”, para uma *personalidade* cada vez mais “alterdirigida”, ou seja constituída na visibilidade, produzida em contato direto com o olhar do outro. Assim, cada um passa a ser aquilo que ele mostra e que os outros enxergam.



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

Segundo o psicanalista Benilton Bezerra Jr. (2002), estaríamos vivendo numa época marcada pela “crise da interioridade psicológica”, uma vez que estaria “se esvaziando aquele espaço secreto, íntimo e privado, que se considerava localizado ‘dentro’ de cada indivíduo, onde costumava se acolher a essência de cada um de acordo com as crenças modernas”, como ressalta Paula Sibilia (2011, p. 9). No lugar dos valores que constituíam o caráter, atributos como “força, rigidez, juventude, longevidade, saúde, beleza são os novos critérios que avaliam o valor da pessoa e condicionam suas ações” (Ortega, 2008, p. 34). As subjetividades que hoje proliferam, se edificam de forma epidérmica, exteriorizada, fluida e mutante. É assim como “os homens [que] buscam o tipo de aprovação que aplaude não suas ações, mas seus atributos pessoais”, e que “desejam não tanto ser estimados, mas sim admirados”, conforme ressaltou Christopher Lasch em seu livro intitulado *A cultura do narcisismo* (1983, p.87). O autor acrescenta, ainda, algo que sem dúvida soaria estranho para a moral oitocentista: estes mesmo homens “querem antes ser invejados, do que respeitados”.

A exibição da intimidade e a autopromoção que hoje proliferam ganharam legitimidade e perderam boa parte das conotações negativas de outrora, impregnando os modos de subjetivação característicos do presente momento histórico. Uma época que se aproxima cada vez mais do que Guy Debord, em 1967, caracterizou como “sociedade do espetáculo” – uma sociedade individualizada, mediada por imagens e representações, baseada nas prerrogativas da visibilidade e da aparência. Nesse modo de vida que vem se instaurando no mundo ocidental, o *parecer* perpassa o *ter* e o *ser*, sendo os valores (e até mesmo a existência individual e coletiva) pautados a partir do que se vê e de como os sujeitos são vistos e expostos.

A felicidade, por sua vez, que era uma meta inatingível ou a grande aspiração individual, tornou-se – principalmente a partir de 1990, com o apogeu do capitalismo pós-industrial – uma expressão corriqueira nos discursos, nas cobranças e no “estado emocional” daqueles que agora são aparentemente livres para trilharem seus próprios caminhos e construir seus estilos de vida desejados. Deixando de ser um sentimento internalizado e muitas vezes guardado para si, o permanente estado de bem-estar transformou-se numa obrigação, numa oferta constante nas prateleiras mercadológicas e nos anúncios publicitários, inclusive naqueles veiculados pelas indústrias farmacêuticas, sendo uma “espécie de sensação manipulável de bem-estar” (Vaz e



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

Portugal, 2012, p 2). Com a reivindicação das liberdades individuais, a felicidade tornou-se um direito pleiteado, assim como o direito à saúde (Birman, 2010). Aqueles não contemplados com as dádivas da felicidade sentem-se injustiçados e excluídos socialmente, vítimas de uma condição humilhante, ofensiva e até mesmo patológica.

O grande paradoxo, portanto, é que, num contexto no qual a felicidade tornou-se uma sorte de obrigação constante, a ansiedade e o sofrimento parecem cada vez mais presentes. Numa sociedade em que as pessoas são educadas segundo uma liturgia consumista e devem ser responsáveis pelo gerenciamento de si, aqueles impedidos de participar dos prazeres oferecidos pela atmosfera do consumo e que não se enquadram nos coeficientes de produtividade, tendem a ser vítimas da vergonha, da frustração e do sentimento de inferioridade. Diante disso recorrem, cada vez mais, aos “estimulantes de alegrias obrigatórias” (Ferrer, 2010, p. 166), oferecidos pelo mercado farmacêutico.

Permeado pela necessidade de mudança e adaptação constantes, pelos imperativos de gozo imediato e pela “obsolescência programada” dos mais diversos produtos que é estimulado a adquirir, o sujeito confinado das sociedades disciplinares dá lugar agora a um sujeito endividado, conforme postulou Gilles Deleuze (1992). Despedido do sentimento de satisfação e de conformismo com o rumo de sua vida, o protagonista da contemporaneidade parece estar sempre um passo atrás em relação às novidades do consumo, bem como às novas competências e exigências do mercado, à formação contínua e ilimitada, ao fluxo de informações irrestrito que circula pelas redes, e aos diversos papéis sociais que cada um desempenha sempre em busca da alta performance que lhe é exigida (e quase nunca alcançada) em todos os âmbitos. Diante disso, o uso dessas substâncias farmacológicas seria uma tentativa de extensão dos próprios limites corporais, visando à inserção e ao atendimento das expectativas do espírito empresarial, incluindo aí às conexões e as novas dinâmicas que movimentam a sociedade ocidental.

Narrativas do *eu* (in)feliz e medicalizado

Numa época marcada pela explosão de discursos autobiográficos, torna-se habitual o desejo, o estímulo e a necessidade de revelar publicamente – para todos e qualquer um – fragmentos íntimos de suas vidas, como medos, angústias, sofrimentos e várias outras emoções



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

e experiências. Tudo isso ocorre sem que o narrador sinta qualquer sentimento de culpa ou vergonha, o que certamente seria inconcebível, além de um grande pesadelo, para os sujeitos modernos. Como já abordado, esse desejo de evasão da intimidade, atrelado a uma vontade de falar de si e de se exibir, são próprios das subjetividades alterdirigidas, que se projetam através dos relatos públicos e das redes sociais e, ao mesmo tempo, se constroem através dessas narrativas, uma vez que a vida atual se produz na visibilidade e na conexão. Valendo-se disso, cabe-nos compreender o que os relatos autobiográficos atuais apontam acerca de algumas tendências tipicamente contemporâneas, brevemente delineadas nas páginas precedentes. Para isso, foi realizado um conjunto de entrevistas em profundidade, de cunho qualitativo, através de um roteiro semi-estruturado, por meio do email, do *Skype* e da rede social *Facebook*. Esses diálogos envolveram doze pessoas e a unidade dos perfis foi dada pelo fato de serem todos consumidores de medicamentos controlados; ou seja, aqueles que são mais propícios a causar dependências químicas e efeitos colaterais, cuja compra apenas pode ser efetuada através de prescrição médica, como veremos nas histórias a seguir.

Leila, 41 anos, moradora de Juazeiro, interior da Bahia, advogada, parece ser daquelas figuras emblemáticas da contemporaneidade, um protótipo do que poderíamos chamar uma subjetividade “pós-orgânica”, no sentido de desprezar todo limite diante das possibilidades de aprimoramento técnico. A entrevistada acredita que se “Deus colocou os medicamentos em nossas vidas para amenizar o sofrimento, seus usos são válidos”. No entanto, o seu consumo não se limita apenas à tentativa de diminuir as dores vitais. Sempre atenta aos avanços da medicina e aberta a experimentar as descobertas científicas em torno do aperfeiçoamento físico e psíquico, cada novidade da tecnociência – principalmente das indústrias farmacêuticas – nesse ramo, logo é acatada por ela.

Para manter a boa aparência, por exemplo, ela faz aplicações de *botox* e está sempre em busca de um remédio para emagrecer. Já para melhorar o humor ou para evitar a “monstruosa” TPM, recorre a aplicações anuais de hormônios que evitam a menstruação e se apresentam como solução. Para dormir, anestesiando a tristeza e manter a tranquilidade, costuma ingerir dois



ou três comprimidos noturnos de *Rivotril* ou *Fluoxetina*. Já quando a necessidade é de “ficar mais inteligente”, ter sucesso nos relacionamentos e otimizar a produtividade no trabalho, ela considera válido tomar, em média, entre dois e cinco comprimidos diários de *Ritalina*. Ao ser perguntada sobre como teve acesso ao medicamento, revelou:

Eu estava querendo emagrecer e comentei em uma mesa de bar com um amigo psiquiatra. Ele me disse que a *Ritalina* além de emagrecer iria aumentar minha atividade mental e confiança, o que é verdade. Consigo produzir duas vezes mais quando estou tomando o remédio, além de me sentir muito bem.

A entrevistada relatou que, com o auxílio dos fármacos, os relacionamentos também passaram por melhorias, visto que ela se tornou mais “desinibida”, “disposta”, “autoconfiante” e apta a “expressar o que sente sem reservas” àqueles que gosta.

Dos doze entrevistados, seis deles alegaram algum indício ou diagnóstico de depressão. Os motivos apresentados, na maioria das vezes, estavam associados a insatisfações com suas vidas, tristeza pelos acontecimentos indesejados, pressões dos amigos e familiares, melancolias ou desânimo com o trabalho. Tais apontamentos nos revelam mais um importante sintoma cultural: a expansão dos diagnósticos, que vem “trazendo para o campo da psicopatologia traços, emoções e estados subjetivos anteriormente experimentados e tratados como inerentes à existência comum” (Bezerra, 2010, p. 121). Tal fato acaba por contribuir, também, para um borramento das fronteiras entre o que pode ser considerado normal e o que se caracteriza como patológico. Nesse sentido, podemos destacar as transformações na própria psiquiatria, que vem gradativamente apagando o limiar entre tratamento e aperfeiçoamento, ocupando-se de aliviar o sofrimento inerente à vida cotidiana e de proporcionar, através de suportes biotecnológicos, um desejável e produtivo estado de bem-estar e felicidade. Nas palavras de Bezerra Jr,

O processo de medicalização de praticamente todos os aspectos da vida chega a tornar plausível a crença de que toda insatisfação ou mal-estar é indicação de um desvio, e como tal deve ser suprimido. Transformada em ideologia, a saúde física ou mental é extraída do campo das interrogações filosóficas e políticas acerca da ‘boa vida’, para ingressar na esfera das habilidades e competências a serem demonstradas no mercado da subjetividade (2002, p. 5).



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

Além disso, cabe destacar a ação das indústrias farmacêuticas, que, através de um intenso trabalho de *marketing* e de relações públicas, “vendem” doenças tanto para os leigos como para os profissionais de saúde e, posteriormente, oferecem os produtos para tratar esses novos transtornos (Sharpe, 2013). As companhias farmacêuticas, portanto, tem “grande interesse em influenciar os processos sociais de subjetivação de modo a ampliar o número de indivíduos que emprestam sentido às suas vidas, e especialmente a seus sofrimentos, com base na categoria biomédica de ‘doença’”, como ressaltam Paulo Vaz e Daniel Portugal (2012b, p. 41). Não é à toa que, entre os anos de 1995 e 2010, a receita das indústrias medicamentosas no mundo cresceu de 300 bilhões para 800 bilhões de dólares (Vaz e Portugal, 2012b).

Outra das entrevistadas nesta pesquisa, Camila, capixaba de 26 anos, relata que, após sofrer crises diárias de ansiedade devido à impossibilidade de elaborar a tristeza e os acontecimentos recentes em sua vida, recorreu à ajuda especializada de um psiquiatra, que a diagnosticou como portadora de crises generalizadas, e iniciou um tratamento à base de doses diárias do medicamento *Neural* (antiepilético), em comprimidos de 100mg.

Do nada terminei um relacionamento de cinco anos com uma pessoa que estudou a faculdade toda comigo, então tínhamos os mesmos amigos, até realizávamos uns projetos de trabalho juntos, e aí fiquei sem chão, sem planos de futuro, tive que mudar completamente a rotina. Eu tinha entrado em um emprego novo havia um mês e, em 2012, eu passei por quatro empregos diferentes e isso me deixou ansiosa. Eu não aguentava mais a pressão de ter que tomar decisões importantes pra mim, queria ficar quieta no meu canto, deixando "a poeira baixar", e vinha algo que eu tinha que tomar decisão.

Me vi em uma situação que não estava conseguindo ter um controle emocional que me era requisitado pelas obrigações cotidianas normais, como convívio familiar e trabalho. Eu estava me recuperando de algumas decepções e passando por muitas mudanças naquele momento da vida e, infelizmente, não poderia pedir ao mundo que parasse para eu viver do modo que queria. Não podia pedir que o mundo esperasse por mim.

Ao relatar sua situação ao psiquiatra, ela conta que o médico lhe disse o seguinte: “hoje ninguém precisa ‘sofrer da alma’ ... tem que dar tempo para o luto, viver as coisas, as dores, mas não parar a vida por conta disso!”. Como forma de fazê-la continuar vivendo, respeitando suas dores e elaborando suas novas experiências, ele lhe receitou o medicamento controlado. Camila, que até então estava um tanto ressabiada com a prescrição médica, teve naquele momento a justificativa de que precisava para iniciar o seu tratamento e a certeza de que, ao fazer isso,



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

estava escolhendo o melhor caminho para sair da crise. O discurso do médico, que poderia ser visto com desconfiança já que parece apresentar informações conflitantes, rapidamente foi aceito por ela, que, no momento de narrá-lo, o reproduziu com satisfação e admiração, visto que a solução farmacológica lhe possibilitou reencontrar o estado de conforto que havia perdido, voltando a projetar uma imagem de normalidade, de alto desempenho e de felicidade cobrada por aqueles que a cercavam.

Já Lúcia, 50 anos, produtora cultural e diretora de cinema, conta que começou a se sentir melancólica, sem ânimo e com muito sono durante o dia. A partir daí, seu próprio marido, que é psiquiatra, lhe receitou o ansiolítico *Rivotril*, mesmo a considerando saudável, conforme relata com naturalidade e sem atribuir a si mesma a culpa por aquela condição:

Sempre adorei trabalhar no que trabalho até hoje, mas chegou um momento em que me senti sem vontade para fazer o que me alegrava e me realizava. Então, recorri ao *Rivo*, como o trato carinhosamente e tenho *sonos azuis*, acordo super bem e muito feliz.

A produtora cultural contou ainda que não bebe nenhum tipo de bebida alcoólica e não consome drogas ilícitas; por isso, o *Rivotril* também se tornou um companheiro nas baladas e confraternizações entre amigos, fazendo-a "curtir" uma “noite inteira de festa sem ficar entediada”. Sobre as possíveis mudanças que o remédio trouxe à sua vida, ela atribui somente melhorias a ele, incluindo na lista até mesmo aquelas que em nada costumam se relacionar aos efeitos do ansiolítico. Em suas palavras: “melhorei muito depois que comecei a usar o medicamento, eu era uma pessoa insuportável, sempre de mau humor, grossa...aff, a verdadeira treva; ninguém me suportava, minha pele era feia, meu cabelo... melhorei 100%”; e, concluiu: “com o *Rivo* me sinto feliz, até nas horas impossíveis de ser feliz”.

Outro entrevistado foi Rafael, 30 anos, carioca, publicitário e mestrando em Comunicação. Ele conta que, desde a adolescência, em sua caixa de primeiros-socorros não faltam medicamentos para "otimizar" várias instâncias da sua vida. Já passaram por lá remédios controlados como Ritalina, anfetaminas, Midazolam e, há algum tempo, também Rivotril e Zolpidem. Tais substâncias inseriram-se no íntimo de seu cotidiano, transformando sua visão do mundo, suas experiências e, principalmente, seus modos de ser e de viver, de acordo com seus próprios depoimentos.



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

O entrevistado conta que tudo começou quando ele tinha 17 anos. Percebia-se, na época, com muita dificuldade para se concentrar em atividades que não eram de seu interesse e que não lhe davam prazer, mesmo que fossem necessárias e que estivessem presentes em seu dia-a-dia. Embora tal dispersão sempre o tivesse acompanhado em sua vida, ela soava como algo estranho e indevido. Com o incentivo de sua mãe, portanto, tomou a decisão de procurar um psiquiatra, que logo o diagnosticou com TDAH e lhe prescreveu uma receita de Ritalina. Ao ser diagnosticado, ele conta que se sentiu "feliz", pois até então se envergonhava por ser quem era, se achava "burro e incapaz de fazer as coisas", o que lhe dava uma baixa autoestima, sobretudo porque assim era julgado pelos outros. Embora sofresse diversos apelos familiares para mudar seu estilo de vida e tivesse consciência da importância de tentar trilhar seu próprio caminho de modo a conquistar sucesso profissional e financeiro, nada o fazia sair daquele estado de "hibernação". Tal comportamento, que poderia ser interpretado como um traço próprio da idade – uma vez que ele ainda era relativamente novo para ter que suportar com tanta responsabilidade o peso dos compromissos e a obrigação de ter que ser bem-sucedido –, na sua família era motivo de muita incômodo e pesadas críticas. Diante disso, resolveram recorrer à psiquiatria, em busca de soluções biotecnológicas consideradas eficazes e de uma explicação científica para aqueles "desvios" que tanto os perturbavam.

Como nos outros casos aqui relatados, a possibilidade de pensar nos próprios conflitos como algo concreto e de ordem física ou biológica confere ao sujeito um sentido ao sofrimento outrora inexplicável, tirando parte da responsabilidade por não conseguir mudar aquele comportamento por todos considerado negativo. Ao mesmo tempo, o diagnóstico psiquiátrico dá esperanças de que, através de um objeto técnico, a conduta daquele que sofre pode vir a se modificar. Receber um rótulo patológico, portanto, neste novo quadro, torna-se um passo importante pois, assim, tanto introduz o diagnosticado no universo medicamentoso – alimentando os interesses da indústria farmacêutica – quanto confere a ele uma noção de identidade (Sharpe, 2013).

No caso de Rafael, assim como em outros já relatados, mais do que a via médica para a correção de um possível transtorno, o medicamento tornou-se uma prótese que o habilitava a se adequar, sem relutância, ao mundo e às expectativas da sociedade, conforme ele próprio narra:



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

Eu vi o medicamento como uma coisa para me ajudar a ser o que as pessoas queriam que eu fosse, mas não enxergava aquilo como medicamento, enxergava como: vocês querem que eu faça isso? Então vou tomar o remédio, porque aí eu vou ficar direitinho e vou agradar as pessoas. Tomava pra poder agradar e poder realizar o trabalho. O remédio era como se fosse um energético, dava um foco como se fosse um suplemento para ajudar a realizar uma atividade, uma orientação mental. Igual quando eu tomo um *Red Bull* para ir para festa, eu tomava o remédio para trabalhar. E o suplemento você toma feliz, você não encara isso como um problema.

Com as possibilidades de otimização do desempenho e de “estar mais do que bem” oferecidas pelos psicotrópicos (Bezerra, 2002), o “bom” deixa de ser satisfatório, passando a haver uma busca desenfreada e certa obrigatoriedade pela excelência, ou por uma constante superação dos limites em todas as instâncias da vida. Todas características que são próprias do espírito empresarial, aliás. Diante da fala de boa parte dos entrevistados, em momentos ficava clara a insatisfação com qualquer prática ou ação que se distancie de um estado de “perfeição” e de felicidade. Assim, portanto, cabe deduzir que, quando a possibilidade farmacológica de reprogramar os humores e os processos vitais se apresenta, cabe a cada um a responsabilidade de tomar as iniciativas necessárias para buscar o aprimoramento do jeito que for. Por outro lado, se o estado ideal de bem-estar não for alcançado, pode se instalar uma sensação de fracasso, revelando-se como uma deficiência e uma incapacidade de agir por si próprio.

Conforme constatado através dos relatos, as drogas se apresentam aos sujeitos contemporâneos como uma maneira de se livrar do doloroso peso da liberdade e da autonomia que, por sua vez, acena para “o perigo de se virar um nada, caso não se consiga produzir o perfil requerido para gravitar em alguma órbita do mercado”, fazendo com que “os vazios de sentido sejam insuportáveis”, como ressalta a psicanalista Suely Rolnik (1992, p. 2). A medicalização, portanto, apresenta-se como um recurso para aqueles que não conseguiram conquistar a si mesmos ou produzir uma imagem de si conforme o que se considera desejável e, então, se perderam na tentativa.

Em tempos em que o sofrimento não tem mais o sentido de uma provação a ser superada, generaliza-se a necessidade de apagar, quimicamente e o quanto antes, os transtornos que causam aflição e se apresentam como uma disfunção, uma anomalia “tanto mais insuportável quanto se impõe o bem-estar como ideal de vida preeminente”, como sublinha Gilles Lipovetsky (2007, p. 289). Com o declínio da interioridade psicológica, balizada pela



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

noção de conflito enraizado nas próprias essências, há um favorecimento por “uma espécie de gerente e empresário de si, adequado aos ritmos velozes que modulam e dissolvem qualquer fixação, tanto identitária quanto afetiva” (Franco Ferraz, 2012, p. 153). O sofrimento se mostra, assim, sem razão aparente de ser nutrido e compreendido, tendo que ser descartado de imediato por sua falta de sentido, uma vez que seu aparecimento explicita e dedura, aos olhos de si e dos outros, que a performance daquele que sofre é falha, fracassada e insuficiente. Essa noção aparece de forma muito clara na fala de Rafael, como se constata a seguir:

Não entendo esses embates como uma experiência de amadurecimento, mas como uma experiência de não ter dado certo. Esse erro não me traz uma maturidade, mas uma falta de esperança. Não é amadurecimento, é perda... Pra mim, eu estou perdendo, não estou amadurecendo nada, não deu certo, não me faz bem. É uma sensação de impotência. Aprender com erro nada, amadurecer nada, é só uma experiência de lamentação, sei lá, uma sensação de que você não pode, de que não é capaz... ‘Aprender que a vida é feita de desencontros’... Pra mim desencontrar não é nada legal, não tem nenhuma experiência maneira nos desencontros e no sofrimento. Não acredito que uma experiência de sofrimento pode fazer com que você cresça de alguma maneira, acho que não, acho que você fica pior, não cresce em nada.

Os psicoestimulantes, dessa forma, se mostram como um atalho para a suspensão de um tempo que não é mais necessário de ser vivido (e nem sequer admitido) para apaziguar as dores e as insatisfações. Os remédios têm que estar à disposição de todos os indivíduos que desejam ou necessitam mudar de estado de humor ou de vigilância, sem precisarem se entregar ao algoz "passar do tempo" para conquistar uma condição psicológica mais desejável ou para se condicionar a desenvolver uma “disciplina para a qual não têm paciência” (Le Breton, 2009, p. 61). Por meio desses recursos técnicos, quando eles funcionam, a duração é abolida, o que é extremamente útil num contexto em que a necessidade de urgência povoa o imaginário social em todos os sentidos, até naqueles mais banais, transformando qualquer simples tristeza e insatisfação numa blasfêmia imperdoável.

Referências bibliográficas

BEZERRA, Benilton. “O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica”. In: PLASTINO, C. A. (org.). *Transgressões*. Rio: Contracapa, 2002: 229-239.

BEZERRA, Benilton. “A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar”. In: FREIRE FILHO, João (org.). *Ser feliz hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

- EHRENBERG, Alain. *O culto da performance*. São Paulo: Ed Idéias & Letras, 2010.
- FRANCO FERRAZ, Maria Cristina. “Transformações biopolíticas: estranhamento e cultura somática”. *Revista Ecológica*, 4: 71-86, 2012a.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FERRER, Christian. “Consumo de espetáculos e felicidade obrigatória: técnica e bem-estar na vida moderna”. In: FREIRE FILHO, João. *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p.165-180.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1983.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*. Antropologia e Sociedade. 4ª ed. Campinas: Papirus, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- RIESMAN, David. *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- ROLNIK, Suely. “Toxicômanos da identidade: subjetividade em tempo de globalização”. In: LINS, Daniel. (org.). *Cultura e Subjetividade: saberes nômade*s. Campinas, SP: Papirus Editora, 1997.
- SHARPE, Catherine. *A cura da infelicidade: Como os antidepressivos melhoram, pioram e moldam a vida de milhões de pessoas*. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2013.
- SIBILIA, Paula. *Amor.com: Relacionamentos sexuais e afetivos na era da hiperconexão*. Rio de Janeiro, 2015 (no prelo).
- SIBILIA, Paula. “O sonho da reprogramação corporal: Biotecnologias, ciências da vida e produção de subjetividade na sociedade contemporânea”. In: NEUTZLING, I e RUIZ, C. (orgs.). *O (des)governo biopolítico da vida humana*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2011.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- VAZ, Paulo e PORTUGAL, Daniel. A felicidade é química e pode ser vendida? *Anais do XXI Evento anual da Compós*, Juiz de Fora, 2012a.
- VAZ, Paulo; PORTUGAL, Daniel. “A nova 'boa-nova': marketing de medicamentos e jornalismo científico nas páginas da revista brasileira *Veja*”. *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 9, n. 26, p. 37-60, 2012b.
- TAYLOR, Charles. *Uma Era Secular*. São Leopoldo: Unisinos, 2010.